

Dora Kramer*

Congresso petista passa ao largo da realidade

O 8º Congresso Nacional do PT, reunião que o partido faz de tempos em tempos desde a sua fundação, há 46 anos, apresentou duas versões de como a legenda vê o panorama nacional a pouco menos de seis meses da eleição. Uma no texto do documento final, desta vez chamado de “manifesto”, outra na explicação nas palavras do presidente Edinho Silva.

Na escrita, o cenário é tranquilo. Vai tudo correndo bem para o governo; o presidente da República não enfrenta rejeição popular nem adversários que possam ameaçar sua reeleição.

Pelo relato do manifesto, não houve aumento de fraudes e filas no INSS e não é preciso falar em segurança pública, ajuste de contas, endividamento, desequilíbrio entre os Poderes, rejeição no agro e nos evangélicos, perda de apoio entre mulheres e jovens, falta de modernização no mundo do trabalho e mais uma série de agruras da população que não enxerga um bom horizonte.

Mas, esperem. Adiante do documento aparece a solução na forma de propostas de reformas: política, eleitoral, administrativa, tecnológica, tributária,

agrária, do Judiciário e, claro, da comunicação. Das mudanças sugeridas, o PT só abraçou a tributária e com impulso do Congresso. Nas outras, em seus até agora 17 anos de governo, ficou entre a indiferença, o corpo mole e a negação.

Na palavra, Edinho Silva abriu espaço à autocrítica para que não se diga que não falou de espinhos. O discurso foi em tom de perplexidade: “Como um governo tão exitoso não é reconhecido?”, indagou aos companheiros, sugerindo a saída. “Precisamos conversar e mostrar o que construímos”, uma vez que “o Brasil está no rumo certo”.

Então fica assim combinado com os correligionários, faltando só fechar o acerto com o restante do eleitorado. O independente, que precisa ser conquistado. Para este, o congresso petista reservou o chamamento a uma “concertação social” com as forças de centro para reeleger Lula. Reedição da frente ampla, cujos integrantes de 2022, abandonados ao longo do governo, podem ter dificuldade de cair de novo na conversa.

*Jornalista e comentarista de política

Margareth Menezes*

Brasil Criativo: a nova indústria da nossa gente

O ano de 2026 foi oficialmente declarado como o Ano da Criatividade no Brasil pela World Creativity Organization, principal organização internacional dedicada à promoção da criatividade e da economia criativa. No dia 21 de abril, quando o calendário global celebra o Dia Mundial da Criatividade, esse reconhecimento ganha ainda mais sentido e reafirma aquilo que temos de mais singular: a capacidade de criar, reinventar e transformar.

Mais do que um dom, a criatividade brasileira é um ativo estratégico. É o combustível de um país que decidiu ocupar seu lugar no cenário internacional por meio do conhecimento, da inovação e da valorização da sua cultura.

Sempre defendi que o desenvolvimento do Brasil passa por acender o vetor econômico da cultura. E essa potência já mostra sua força. Segundo o IBGE, os empreendimentos criativos movimentam cerca de R\$ 288 bilhões na economia nacional e geram trabalho para 5,4 milhões de pessoas. Estamos falando de uma indústria robusta, que gera renda, oportunidades e projeta o Brasil como uma das nações mais inventivas do planeta.

Para que esse talento floresça com dignidade, é preciso base estruturante. Por isso, recriamos a Secretaria de Economia Criativa, consolidando o apoio à produção cultural como uma política de Estado. Com o Observatório Celso Furtado, produzimos inteligência estratégica para orientar investimentos. Com a Escult, ampliamos a formação e a qualificação técnica, fortale-

cendo toda a cadeia produtiva da cultura.

Nossa visão de economia criativa é, antes de tudo, territorial e humana. Promovemos um avanço na Lei Rouanet ao reconhecer o Território Criativo como objeto de investimento, deslocando o foco de ações pontuais para o desenvolvimento integrado das comunidades. Somamos a isso o Programa Nacional Aldir Blanc de Fomento à Economia Criativa, que valoriza os saberes ancestrais, a potência das periferias e a força das pequenas cidades, onde tradição e inovação caminham juntas.

O sucesso internacional do Mercado das Indústrias Criativas do Brasil, que em sua última edição gerou R\$ 94,5 milhões em novos negócios, confirma essa vocação. É a prova de que o Brasil não exporta apenas produtos culturais, mas valor, identidade e inteligência criativa.

Celebrar a criatividade é afirmar um projeto de país. Um Brasil que aposta no bem-viver, na inclusão produtiva das juventudes, no desenvolvimento sustentável dos territórios e em uma economia baseada no conhecimento e na diversidade.

O Brasil Criativo não é apenas um conceito. É um caminho que transforma reconhecimento em ação, talento em oportunidade e cultura em desenvolvimento. Um país que respeita o seu passado, investe no presente e constrói, por meio da cultura, sua soberania e seu lugar no futuro.

*Ministra da Cultura do Brasil

EDITORIAL

Os efeitos na OPEP sem Emirados Árabes

A decisão dos Emirados Árabes Unidos de se retirar da OPEP e da OPEP+ marca um ponto de inflexão na governança global do petróleo. Mais do que um gesto técnico, trata-se de um movimento estratégico que expõe tensões latentes entre produtores e redefine o equilíbrio de poder em um mercado cada vez mais fragmentado e politizado.

Ao longo de décadas, a OPEP funcionou como um eixo de coordenação capaz de influenciar preços e moderar choques. A ampliação para a OPEP+, com a inclusão de grandes produtores não membros, reforçou esse papel em momentos críticos. A saída de um ator relevante como os Emirados, no entanto, enfraquece a coesão do cartel e sinaliza que interesses nacionais estão se sobrepondo à disciplina coletiva. Em um cenário de transição energética e volatilidade geopolítica, essa fragmentação tende a reduzir a previsibilidade do mercado.

Do ponto de vista econômico, a consequência imediata pode ser o aumento da volatilidade dos preços. Sem o mesmo grau de coordenação para cortes ou ampliações de produção, abre-se espaço para disputas por participação de mercado. Países com maior capacidade de produção e custos mais baixos podem adotar estratégias mais agressivas, pressionando concorrentes e ampliando ciclos de alta e baixa. Para economias dependentes de importação, isso significa maior incerteza inflacionária; para exportadores, riscos fiscais ampliados.

Geopoliticamente, o gesto dos Emirados revela um reposicionamento mais autônomo no tabuleiro internacional. Ao se desvincular de compromissos coletivos, o país ganha flexibilidade para alinhar sua política energética a objetivos próprios, inclusive diversificação econômica e atração de investimentos. Ao mesmo tempo, a decisão pode tensionar relações com aliados tradicionais dentro da organização, especialmente aqueles que defendem maior controle da oferta para sustentar preços.

Há ainda implicações para a transição energética. Um mercado de petróleo menos coordenado pode gerar tanto incentivos quanto obstáculos. Preços mais baixos, resultantes de competição acirrada, tendem a retardar investimentos em energias limpas. Por outro lado, picos de preço decorrentes da instabilidade podem acelerar políticas de substituição de combustíveis fósseis em diversas economias.

Em última instância, a saída dos Emirados evidencia que o sistema internacional de energia está em mutação. O declínio relativo de estruturas centralizadas de coordenação e a ascensão de estratégias nacionais mais assertivas desenharam um cenário de maior complexidade. Para governos e mercados, o desafio será navegar essa nova realidade com instrumentos mais flexíveis e visão de longo prazo, sob pena de amplificar riscos em um setor que segue vital para a economia global.

Opinião do leitor

Senna eterno

Trinta e dois anos sem Ayrton Senna no dia 1º de maio. Saudades! Uma perda que sangrou o Brasil. Como diz uma música do Legião: “Os bons morrem cedo”. Um ídolo acima de torcidas o tricampeão mundial de Fórmula 1 (1988, 1990 e 1991). Senna estará sempre em nossas recordações.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: RIO SERÁ SEDE DA PRÓXIMA CONFERÊNCIA DA CRUZ VERMELHA

As principais notícias do Correio da Manhã em 29 de abril de 1931 foram: Agências internacionais noticiam que governo de Honduras conseguiu controlar movimento revolucionário. Gago Cou-

tinho continuará a travessia do DO-X, maior hidroavião do mundo, pelo Atlântico. Rio será sede da próxima conferência internacional da Cruz Vermelha. Conflitos na Madeira se intensificam.

HÁ 75 ANOS: UDN DECIDE FICAR NA OPOSIÇÃO AO GOVERNO VARGAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 29 de abril de 1951 foram: Tropas chinesas intensificam ofensiva na península coreana. Causas da saída de MacArthur do Oriente ainda continuam sob

investigação interna no Governo dos EUA. França pode ter nova reviravolta política, com pedido de confiança de Henri Queille ao Congresso. UDN decide ficar na oposição ao governo Vargas.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo - SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas - SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.